

ARTIGOS

Helton Machado Adverse¹

Strauss, o niilismo alemão e o nacional-socialismo

Strauss, German nihilism and national socialism

RESUMO:

Em uma das raras vezes em que se propôs a discutir a situação política de sua época, Leo Strauss examina a relação entre niilismo e nacional-socialismo. Trata-se de uma conferência proferida em 1941 na qual encontramos tanto uma análise percuciente de um contexto político conturbado quanto o anúncio de certos temas que serão posteriormente desenvolvidos ao longo do percurso intelectual de Strauss. Nosso objetivo, neste trabalho, consiste em retomar os aspectos centrais dessa análise e, a partir daí, demonstrar sua relevância para a melhor compreensão de seu pensamento político.

Palavras-chave: Leo Strauss; Niilismo; Nacional-socialismo; Filosofia política

ABSTRACT:

In one of the rare times, he decided to discuss the political situation of his time, Leo Strauss examines the relationship between nihilism and National Socialism. It is a conference given in 1941 in which we find both a perceptive analysis of a troubled political context and the announcement of certain themes that will be later developed throughout Strauss's intellectual career. Our objective, in this work, is to revisit the central aspects of this analysis and, from there, demonstrate its relevance for a better understanding of his political thought.

Keywords: Leo Strauss; Nihilism; National socialism; Political philosophy

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais; Professor, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

heltonadverse@ufmg.br,  <https://orcid.org/0000-0001-9455-2057>

INTRODUÇÃO

Em fevereiro de 1941, Leo Strauss profere na New School for Social Research uma conferência sobre o niilismo alemão, que somente seria publicada décadas após sua morte, mais especificamente, em 1999. Trata-se de um material particularmente importante porque constitui uma das poucas discussões diretas de Strauss sobre uma questão política contemporânea (o conflito armado na Europa que se espalhava pelo mundo) e sobre as ideologias dos campos adversários (o nazismo e o liberalismo). Isso é facilmente compreensível quando lembramos que a conferência fazia parte de um seminário sobre as experiências da Segunda Guerra Mundial e o texto de Strauss tinha como um de seus objetivos comentar o livro de Hermann Rauschning recentemente publicado e que havia alcançado grande êxito comercial nos Estados Unidos (RAUSCHNING, 1939)¹.

Strauss se encarrega, então, de explicitar o conceito de niilismo e examinar determinados aspectos de sua relação com o movimento nacional-socialista. Para tanto, volta ao momento em que o niilismo alemão ganhou proeminência sobre a juventude intelectualizada nos anos 1920 (da qual o próprio Strauss fazia parte) com a intenção de esclarecer a razão pela qual esses jovens não opuseram, em sua maioria, resistência à ascensão do nazismo; pelo contrário, alguns deram seu apoio e

se tornaram, nos anos 1930, membros ativos do regime. Escavar as raízes do niilismo alemão significa trazer à luz mais do que um momento da história alemã: significa também compreender uma das condições de possibilidade “espirituais” para o advento de um sistema totalitário. Mas significa também esclarecer, *do ponto de vista histórico-filosófico*, o sentido da oposição entre uma política destrutiva dos pilares da civilização e aquela outra capaz de preservar em alguma medida suas bases.

Nesse sentido, temos a impressão de que a conferência de Strauss é uma tentativa de diagnosticar o presente, exaurindo as motivações profundas de sua crise e deixando vislumbrar as possibilidades de seu desfecho. O que gostaríamos de fazer em nossa comunicação é reconstituir a via pela qual Strauss ensaia esse diagnóstico. Para tanto, vamos dividir nosso trabalho em duas partes. Na primeira, mais curta, vamos recuperar parte da recepção desse texto de Strauss após sua publicação em 1999. Na segunda, mais extensa, vamos retomar as linhas gerais de seu texto. Com isso, esperamos ser capazes de mostrar que a conferência de Strauss é altamente relevante para a melhor compreensão de sua obra posterior, seja pelos temas anunciados aí e recuperados mais tarde (como o próprio niilismo) seja pela constatação de que a filosofia política de Strauss jamais foi indiferente ao advento dos sistemas totalitários. Pelo contrário: embora não tenham sido diretamente

tematizados, estiveram no horizonte de suas inquietações teóricas.

A RECEPÇÃO

Como quase tudo o que concerne a esse autor, a publicação do texto esteve na origem de alguma polêmica. Mais especificamente, um artigo de William H. Altmann, publicado em 2007, e cujos argumentos centrais foram mais tarde desenvolvidos em forma de livro, pretendeu não apenas detectar na palestra de Strauss a primeira colocação em prática de sua descoberta da “arte de escrever” (ALTMANN, 2007, p. 588)² – interpretação que, por si só, não causaria nenhuma celeuma entre os comentadores de Strauss –, mas também que o ensinamento velado que podemos ler entre as linhas concerne à firme adesão intelectual do filósofo ao referido niilismo, criticado somente na superfície.

Esta “lealdade” (ALTMANN, 2007, p. 600) adquire um caráter fortemente problemático na medida em que, como sugere Altmann, impede a Strauss condenar o nazismo por aquilo que ele foi, isto é, uma forma de dominação política grotesca e violenta: o nazismo é somente uma “caricatura” do niilismo alemão, incapaz de realizar suas aspirações³. Strauss, portanto, não teria manifestado um descontentamento político com o nazismo, mas apenas um descontentamento estratégico, prag-

mático. E ainda insatisfeito com essa detração de Strauss, Altmann chegará a dizer que essa desqualificação pragmática do nazismo requer, para sua plena compreensão, o reconhecimento de que a palestra de Strauss é uma exortação a seus “companheiros” niilista a não perder as esperanças, visto que seus ideais estão longe terem desparecido⁴.

Não é nosso propósito examinar aqui a pertinência da interpretação de Altmann, mas não podemos esconder nossa insatisfação com ela. Sua análise não nos parece acurada nem suas elucubrações devidamente justificadas. Mais vale nos fiarmos em uma abordagem mais equilibrada, como a de Robert Howse (2014), que tira melhor proveito da leitura desse texto de Strauss. Entretanto, antes de nos reportarmos ao livro de Howse, parece-nos adequado lembrar os trabalhos de Susan Shell (2009) e Stephan Steiner (2013), que destacam aspectos importantes da conferência de 1941. Ambos recusam a leitura redutora que transforma Strauss em um pensador conservador, o que nos parece correto. Por outro lado, ambos buscam em Strauss um alinhamento com o liberalismo que seria perceptível justamente nesse contexto. Esta conclusão não nos soa satisfatória.

Para Shell, o que vemos na conferência é uma mudança significativa no percurso intelectual de Strauss, uma espécie de acerto de contas com seu posicionamento anti-liberal da juventude, sob

a égide do niilismo, em favor de uma aceitação dos pressupostos da **democracia** liberal⁵. Steiner não destoa de Shell, acreditando encontrar em “Niilismo Alemão” um olhar condescendente com o niilismo a que o próprio Strauss aderiu nos anos 1920, e que agora, diante da inegável consequência política nefasta da ascensão do nazismo, revela sua periculosidade. A “apologia” do niilismo estaria conjugada, segundo Steiner, com um autêntico “realinhamento” (STEINER, 2013, p. 68) com o regime político do país que o acolhera. Mas isso apenas foi possível graças a uma torsão que Strauss teria infligido em seu legado de juventude, não descartando-o totalmente, mas adaptando-o à nova realidade política, simbolizada, sobretudo, pelo “pragmatismo inglês” (STEINER, 2013, p. 67), herança cultural da única nação, naquele momento, a fazer face ao projeto nazista.

As leituras de Shell e Steiner têm o grande mérito de descrever o pano de fundo político, assim como contextualizar a situação intelectual de Strauss no momento em que profere a palestra. A ênfase que conferem à sua relação com a democracia liberal, porém, deixa na sombra o fato de que Strauss está realizando uma incursão, mesmo que indireta, pelo terreno do totalitarismo. E, por isso, seus artigos não dimensionam o impacto dessa conferência sobre a obra posterior de Strauss. O livro de Robert Howse, pelo contrário, fornece elementos suficientes para tanto (sem desconsiderar

o incontornável aspecto biográfico).

Adotando uma metodologia diferente dos demais comentadores⁶, Howse pode aprofundar o sentido de diversas passagens do texto de Strauss, sobretudo, sua relação crítica com Schmitt e com o decisionismo político⁷. Além disso, Howse, retomando cursos posteriores de Strauss, oferece informações sobre como o próprio Strauss entendia certos aspectos do contexto intelectual em que se formou, como a influência do pensamento nietzscheano: “Nietzsche produziu o clima no qual o fascismo e o hitlerismo poderiam emergir” (HOWSE, 2014, p. 14)⁸. Mas o maior mérito de seu trabalho, acreditamos, está no fato de não se prender a uma leitura “biográfica” da conferência, quer dizer, Howse não privilegia a relação de Strauss com seu objeto de estudo e sim as consequências filosóficas que decorrem de suas análises. Uma passagem de seu estudo que nos parece crucial se encontra na conclusão, onde ele deixa explícita sua convicção de que a obra de Strauss não deve ser lida sem levar em consideração o acontecimento totalitário, mesmo que este não estivesse jamais no centro de suas investigações:

Depois da Shoah (e do Gulag), o que aparentemente nos resta como base para continuarmos a acreditar na dignidade do homem e na bondade do mundo é o próprio pensamento. Mas apenas se entendermos o pensamento de forma diferente de Heidegger, Schmitt e, na ver-

dade, até de Marx, Hegel e Kojève, como questionamento, despertar e conversação à maneira de Sócrates, em vez de decisão, determinação ou prescrição revolucionária de normas (HOWSE, 2014, p. 179)⁹.

Se dermos crédito a essa declaração – que transcende em muito o contexto da conferência sobre o niilismo alemão –, concluiremos que a atividade de pensar, na modernidade, redefine seu vínculo com o trabalho de conservação da dignidade humana somente a partir dos acontecimentos políticos extremos, como o sistema totalitários e as guerras de aniquilação. Este é o espírito, nos parece, já perceptível na conferência de Leo Strauss e que irá se manifestar continuamente ao longo de seu percurso intelectual nas décadas seguintes. Este é também o ângulo de abordagem que enquadra a leitura que faremos agora da referida conferência.

A CONFERÊNCIA

Se o ponto de partida de Strauss é o livro de Rauschning, o desenvolvimento de sua argumentação, assim como o ponto de chegada, estão bem distantes de *The revolution of nihilism*. Importa, para Rauschning, compreender o sentido da revolução que assola a Alemanha, compreender sua natureza (RAUSCHNING, 1939, p. XI) e os meios de que a elite governante dispõe para assegurar

a dominação da grande massa de apoiadores que dão sustentação ao regime (as expressões são de Rauschning). Esse esforço investigativo é reivindicado como uma crítica política ao sistema, quer dizer, uma crítica que pretende contribuir para a derrocada do regime¹⁰.

E podemos dizer que Rauschning mantém-se fiel a seu objetivo, oferecendo uma análise do quadro social e político em que o nazismo pôde se tornar uma força política e como seus líderes foram capazes de mobilizar as massas. Em especial na primeira parte do livro, Rauschning se interessa pela técnica que, uma vez controlada, pode assegurar o êxito das pretensões revolucionárias. É por esse motivo que ele inicia o primeiro capítulo evocando o nome de Curzio Malaparte (RAUSCHNING, 1939, p. 3). Mas ele também destaca a inabilidade dos políticos de Weimar, em especial seus últimos ministros, Brüning e von Papen, que abriram as portas para a entrada dos nazistas no primeiro escalão do poder (RAUSCHNING, 1939, p. 8). Entretanto, nem a técnica nem a incompetência política são suficientes para explicar o curso dos acontecimentos que levaram a Alemanha a uma ditadura violenta: o quadro completo da situação somente é acessível, acredita Rauschning, quando destacamos a impotência e completa improdutividade das forças conservadoras e a presença de um “poder revolucionário cujo credo era ação pela ação e cuja tática era a destruição e o debilitamento de tudo o

que tinha valor na ordem existente” (RAUSCHNING, 1939, p. 13).

Este último ponto nos parece essencial para adentrarmos no texto de Strauss. É convicção de Rauschning que o Nacional-Socialismo é um movimento niilista porque é um movimento sem princípios fixos, sem uma doutrina que limite as ações de seus líderes (RAUSCHNING, 1939, p. 24), um movimento que, no redemoinho da destruição, visa apenas o poder pelo poder¹¹. Sendo estas as motivações do nazismo, Rauschning se crê autorizado a falar de uma “revolução niilista”. Como veremos, Strauss vai abordar o problema a partir de outro ângulo.

A natureza das forças políticas em combate não são colocadas em primeiro plano por Strauss, o que é perfeitamente compreensível quando lembramos que seu objetivo não é fazer uma análise do fenômeno político totalitário, mas explorar o campo “espiritual” em que foi possível sua emergência. Vale insistir: o ponto de vista de Strauss é histórico-filosófico. “O que é o niilismo? E em que medida o niilismo pode ser considerado um fenômeno especificamente alemão” (STRAUSS, 1999, p. 357)? Essas perguntas que abrem a conferência inserem em um horizonte amplo o debate sobre o sentido do niilismo. Trata-se de tomá-lo como um fenômeno cultural que afetou profundamente a juventude alemã dos anos 1920. Como fenômeno amplo, como “gênero”, o niilismo subordina o na-

cional-socialismo, qualificado por Strauss como “a mais famosa forma de niilismo alemão – sua forma mais baixa, mais provinciana, mais obscura e mais desonrosa” (STRAUSS, 1999, p. 357). Colocando o foco no niilismo alemão, a compreensão da natureza do nazismo sempre dependerá da explicitação dos motivos que subjazem ao primeiro. Não sendo diretamente iluminado, o nazismo não poderá aparecer de forma nítida, mas alguns de seus aspectos poderão ser esclarecidos. De nossa parte, acreditamos que o mais importante desses aspectos é que sua motivação anticivilizatória (deduzida de seu pertencimento ao gênero “niilismo”), deve ser reconduzida para o interior da civilização ocidental *moderna*. Ou seja, não se trata de um elemento a ela estranho, mas um desdobramento de suas motivações originárias¹². Dizendo de outra forma, o texto de Strauss indica que o nacional-socialismo é uma possibilidade dessa civilização; ele não é seu destino nem uma completa anomalia. Essa possibilidade se revela insustentável porque é fundamentalmente paradoxal e contraditória. Veremos como o texto de Strauss nos permite fazer essas inferências.

O Sentido do Niilismo

É preciso elucidar o sentido do niilismo alemão para decifrar o enigma do nacional-socialismo. Vejamos roteiro traçado por Strauss:

Para explicar o niilismo alemão, eu proponho proceder da seguinte maneira: Primeiro, explicarei o *motivo último* que subjaz o niilismo alemão; este motivo não é em si mesmo niilista. Em seguida, descreverei a *situação* na qual este motivo não niilista conduziu a aspirações niilistas. Finalmente, tentarei dar uma *definição* do niilismo que não seja atacável do ponto de vista do motivo não niilista em questão e, sobre as bases desta definição, descreverei, de alguma maneira, o niilismo alemão mais completamente (STRAUSS, 1999, p. 357).

O ponto de partida consiste em escavar esse *motivo último*. Como ele não é niilista, nada tem a ver com o desejo generalizado de destruição ou de autodestruição. No entanto, para ensejar o niilismo, esse desejo tem de visar alguma destruição, uma destruição específica. Strauss o define como o desejo de destruição da civilização moderna (STRAUSS, 1999, p. 357). O leitor (e, certamente, o ouvinte) deve se sentir estupefato com tortuosidade do argumento de Strauss. Afinal de contas, é lícito perguntar como um ímpeto de destruição das bases da “civilização moderna” não se confundiria com um desejo generalizado de destruição? A saída de Strauss para essa dificuldade é restringir essas bases aos fundamentos morais da modernidade: “o niilismo alemão deseja a destruição da civilização moderna na medida em que a civilização moderna tem um significado *moral*” (STRAUSS,

1999, p. 358). Isso quer dizer que o niilismo não rejeita a modernidade em bloco, mas retém alguns de seus elementos, mais propriamente, o *aspecto técnico* da modernidade (STRAUSS, 1999, p. 358). É de fundamental importância reter esse dado porque, como sabemos, anos mais tarde, quando publicar seu livro sobre a tirania, Strauss irá dizer que o que diferencia a tirania moderna da antiga é precisamente o uso da tecnologia e da ciência¹³.

Mas sua importância também se deve ao fato de que o teor moral da recusa niilista à modernidade tem uma consequência política: o que está em questão é o tipo de sociedade que é preconizada pela civilização moderna, isto é, uma sociedade com vocação internacionalista e, por isso, uma *sociedade aberta* (STRAUSS, 1999, p. 358)¹⁴. Ora, essa espécie de sociedade, homogênea e universal, na qual as diferenças e os conflitos estarão resolvidos em favor da tranquilidade e satisfação das necessidades do indivíduo, seria incompatível com as exigências da vida moral autêntica (STRAUSS, 1999, p. 358). Somente em uma *sociedade fechada* nos depararíamos com as condições necessárias para a construção de uma moralidade autêntica e para a experiência de uma “vida séria”. A seriedade, vai dizer Strauss, é a marca distintiva da sociedade fechada, aquela que é, por natureza, “constantemente confrontada com, e basicamente dirigida para, o *Ernstfall*, o momento sério” (STRAUSS, 1999, p. 358).

A referência a Carl Schmitt, aqui implícita e, mais tarde, explícita, indica claramente a tradição espiritual a que se filia o niilismo alemão: uma filosofia existencialista que vê no conflito o momento decisivo em que se define o sentido da vida individual e comunitária, e divisa na tragédia o horizonte incontornável da vida humana. Mas é igualmente importante ressaltar que, originariamente, essa aspiração pela vida autêntica, mesmo que adquirisse uma tonalidade trágica, pouco ou nada tinha de niilista. Em Rousseau, por exemplo, o anelo de uma vida na transparência, de uma sociedade purgada da hipocrisia, ecoava o protesto de Glaucon contra a “cidade dos porcos”, e adiantava o protesto apaixonado de Nietzsche contra a “civilização cômoda e, de alguma maneira, podre do século da indústria” (STRAUSS, 1999, p. 359).

O ponto central da argumentação de Strauss é exatamente essa exigência moral, frustrada pelo advento de uma sociedade moderna guiada por valores universalistas os quais, no final das contas, terminam por apenas esvaziar a existência humana de um sentido verdadeiro. Embora a linha argumentativa que Strauss segue em 1941 seja diferente daquela de 1953 – presente em *Direito natural e história* –, há uma evidente afinidade entre elas no que toca ao tema da promessa não cumprida pela modernidade. Em 1953, Strauss afirmará: “O historicismo culminou no niilismo. A tentativa de deixar o homem absolutamente em

casa neste mundo terminou por deixar o homem absolutamente sem abrigo (*homeless*)” (STRAUSS, 1953, p. 18)¹⁵. Em 1941, no entanto, Strauss avançará além da explicação genérica e filosófica para explicar essa frustração. Como está em jogo dissecar o niilismo alemão, é preciso remeter ao contexto político em que ele emergiu, isto é, ao momento do pós-guerra e à República de Weimar.

O Niilismo em Weimar

Strauss, obviamente, não é o único a assinalar a conexão entre o fracasso da República de Weimar, o niilismo e o advento do nacional-socialismo¹⁶. A originalidade de sua abordagem, nos parece, está na mescla entre o raciocínio filosófico e a análise política. De um lado, temos um teoria – ainda a ser plenamente desenvolvida nos anos posteriores – acerca da relação entre a modernidade, a filosofia e a política; de outro, uma definição rudimentar de niilismo alemão como revolta contra a democracia liberal weimariana. Do ponto de vista de Strauss, a juventude intelectualizada dos anos 1920 herda e reativa um legado de insatisfação com a modernidade filosófica em Weimar. As razões para o surgimento desse niilismo, cabe repetir, não são filosóficas, mas políticas:

A democracia liberal alemã (...) parecia, para muitas pessoas, incapaz de lidar com as dificuldades com as quais a Alemanha estava se con-

frontando. Isso criou um profundo preconceito, ou confirmou um preconceito já existente, contra a democracia liberal como tal (STRAUSS, 1999, p. 359).

Duas alternativas políticas surgiam para esses jovens desesperançados: ou a simples reação, como tentativa de reverter o curso dos acontecimentos, ou o comunismo. Ambas sendo inaceitáveis, abre-se o caminho para o niilismo (STRAUSS, 1999, p. 360). Mas é preciso entender por que ambas são inaceitáveis. A primeira dispensa explicação. Para entendermos a rejeição à segunda, é preciso lembrar que, para os niilistas alemães, de acordo com Strauss, o comunismo é a promessa de plena realização das potencialidades da modernidade, tanto no campo social quanto político. O comunismo pretende corresponder ao advento de uma sociedade sem classes, sem coerção, sem Estado, sem conflito, ou seja, uma vida não essencialmente distinta do ideal burguês. Isso significa o contrário do que desejavam os jovens alemães. Mais ainda, uma sociedade plenamente pacificada é aquela que torna desnecessária e caduca qualquer forma de sacrifício pessoal, que suprime o heroísmo e, é claro, lança a pá de cal sobre os valores aristocráticos. Para essa geração, embebida ainda com o nacionalismo dos filósofos do século XIX, sobretudo Fichte, e vulnerável às idealizações patrióticas, o ideal aristocrático vinha naturalmente se fundir com o militarismo, como

vemos sobretudo na obra de juventude de um de seus “porta-vozes”, Ernst Jünger (STRAUSS, 1999, p. 360)¹⁷. Strauss voltará a esse ponto.

Se até o presente, o leitor tinha a impressão de que Strauss é condescendente com os jovens niilistas (e, por extensão, auto-condescendente), esse sentimento vai se reforçar na sequência de sua argumentação. Eles eram jovens, afinal de contas. Tivessem eles encontrado a orientação adequada para seus anseios, poderiam ter evitado a armadilha niilista. A aparente banalidade dessa constatação não deve eclipsar o fato de que em seu bojo Strauss desfere um golpe duro em alguns dos mestres mais eminentes do período weimariano e mesmo depois:

Os adolescentes de que estou falando necessitavam de professores que poderiam explicá-lhes em uma linguagem articulada, e não meramente destrutiva, o significado de suas aspirações. Eles acreditavam ter encontrado tais professores (*teachers*) naquele grupo de professores (*professors*) e escritores que de forma consciente ou inconsciente abriram o caminho para Hitler (Spengler, Moeller van den Bruck, Carl Schmitt, [ilegível], Ernst Jünger, Heidegger) (STRAUSS, 1999, p. 362)¹⁸.

Essa passagem nos parece digna de nota. Convém lembrar que no momento em que a conferência é pronunciada, não era habitual a crítica a esses representantes notórios da academia alemã

por suas relações com o nazismo. Isso se aplica, claro, somente a Schmitt e Heidegger, sendo os demais facilmente identificados com o regime (Van den Bruck e Bäumler) ou então, embora suas obras tenha sido acolhidas pelos nazistas, se posicionaram de maneira crítica ainda durante seu governo (Spengler e Jünger). Mas podemos nos perguntar se não haveria alguma ironia da parte de Strauss ao acusar Heidegger de mestre do niilismo, visto que fazer a crítica do niilismo, especialmente a partir de Nietzsche, constituiu um dos temas mais constantes de sua preocupação. De nossa parte, temos a impressão de que o objetivo de Strauss é exatamente deslocar o tema do niilismo do domínio filosófico e inseri-lo no domínio político. Assim ele não fará mais menção a Heidegger nem a nenhum outro autor que tenha se dedicado a uma reflexão filosófica do niilismo – salvo Nietzsche, que será novamente evocado mais adiante na conferência (STRAUSS, 1999, p. 372) por causa de sua ascendência sobre os jovens intelectuais em Weimar. Mesmo assim, não interessará a Strauss, em momento algum, retomar o conceito nietzscheano de niilismo, que ele certamente conhecia muito bem. Ele segue outra direção: embora seja originalmente cultural, o niilismo, em sua “versão” alemã, tornou-se um fenômeno político¹⁹. A questão que o interessa é, portanto, como isso aconteceu? Teria sido possível evitá-lo? Quais desfechos para esse problema podemos antecipar no tempo

futuro? Responder a essas questões requer a atenção a dois passos: primeiro, retomar a definição de niilismo que Strauss irá oferecer e, segundo, examinar o problema do militarismo.

Niilismo e Civilização

Antes de chegar ao tema do militarismo, Strauss faz um aparente recuo em sua conferência. A propósito do livro de Rauschning (onde ele diz não ter sido capaz de descobrir uma definição de niilismo), ele encontra a ocasião para arriscar uma definição do niilismo como rejeição dos princípios da civilização, acrescentando “enquanto tal” (STRAUSS, 1999, p. 364). Esse adendo deve nos colocar na pista de um sentido mais preciso do niilismo: ele consiste não na recusa da *cultura*, mas da *civilização*. Como diferenciá-las? Strauss não oferece nenhuma definição clara de *cultura*, mas apresenta duas de *civilização*: 1) “o termo civilização designa simultaneamente o processo de tornar um homem cidadão, e não um escravo: um habitante das cidades, não um rústico; um amante da paz, não da guerra; um ser polido, não um rufião” (STRAUSS, 1999, p. 365). É evidente, então, que o sentido político de civilização se manifesta em sua etimologia, a cidade, a *civitas*. 2) “Por civilização, entendemos a cultura consciente da humanidade, isto é, a cultura consciente da razão” (STRAUSS, 1999, p. 365).

A nova tentativa de definir o niilismo baseando-se em sua relação com a civilização vai proporcionar um ganho teórico a Strauss. A passagem em que isso se esclarece é a seguinte:

Se o niilismo é a rejeição dos princípios da civilização como tal, e se a civilização está baseada no reconhecimento do fato de que o sujeito da civilização é o homem enquanto homem, toda interpretação da ciência e da moral em termos de raças ou de nações ou de culturas, é estritamente falando niilista. Quem aceitar a ideia de uma ciência nórdica, germânica ou fáustica rejeitará *eo ipso* a ideia de ciência (STRAUSS, 1999, p. 366).

O caráter “anticivilizatório” do niilismo revela seu traço ideológico. Embora o termo “ideologia” não esteja presente no texto, a ideia subjazendo à argumentação straussiana é exatamente a de que o niilismo é afeito a um discurso fortemente refratário à alteridade em decorrência de seu apego à tradição:

A civilização é inseparável do *aprendizado*, do desejo de aprender de alguém que possa nos ensinar algo que valha a pena. A interpretação nacionalista da ciência ou da filosofia implica que não podemos realmente aprender nada que valha a pena de pessoas que não pertencem à nossa nação ou cultura. Os poucos gregos que geralmente temos em mente quando falamos dos *Gregos* se distinguem dos bárbaros, por assim dizer, exclusivamente por seu

desejo de aprender, mesmo dos bárbaros, enquanto o bárbaro, o bárbaro não grego assim como o bárbaro grego, acredita que todas as suas questões podem ser resolvidas sobre a base de sua tradição ancestral (STRAUSS, 1999, p. 366).

Infelizmente, Strauss não vai avançar na via que acabara de abrir. Mas ela descortina uma nova face daquilo que havia sido denominado anteriormente de “sociedade fechada”, justamente sua suscetibilidade a endossar discursos intolerantes e preconceituosos, a conferir valor de verdade a uma visão de mundo restrita e bastante satisfeita com suas limitações. Embevecida pela honorabilidade de sua ancestralidade, a sociedade fechada coloca em risco o conhecimento autêntico e, claro, a própria filosofia. Parece-nos que esse é o sentido político mais profundo do caráter “anticivilizatório” do niilismo alemão, quer dizer, esse niilismo, cuja motivação primeira é restituir à existência sua parcela do sublime, expressa a visão de um mundo fechado em si mesmo, desperdiçando todas as suas energias em uma revolta fútil, esvaziando seu espírito criador de toda força construtiva, refastelando-se na contemplação da destruição que ele próprio enseja. Em larga medida, isso explica a afinidade do niilismo alemão com o militarismo, como veremos em seguida.

Niilismo e Militarismo

Este é o momento da conferência em que Strauss está mais próximo de Rauschning, uma vez que este já havia salientado o aspecto destrutivo do niilismo alemão. Strauss pode acompanhar Rauschning em uma descrição do nacional-socialismo como uma revolução do niilismo a qual se almeja a ação pela ação e o poder pelo poder (STRAUSS, 1999, p. 367). Mas Strauss não irá se contentar com essa caracterização porque é preciso reconhecer que todo movimento político tem um fim determinado, mesmo que ele não seja claramente definido. Rauschning vislumbrara na “dominação mundial” este fim, sem compreender, porém, seu verdadeiro sentido e sem distingui-la de um mero meio para a conservação do poder. O fato que importa a Strauss é que os nazistas ambicionam a dominação mundial não somente como um meio para se manter no poder, mas dela extraem um “prazer desinteressado” decorrente da visão das “qualidades que capacitam uma nação a conquistar” (STRAUSS, 1999, p. 368).

Podemos perceber, então, como o niilismo alemão tem afinidade com o militarismo, uma vez que em seu cerne está a admiração pelo “tipo guerreiro” e o correspondente enaltecimento das virtudes militares (STRAUSS, 1999, p. 369). Mas a referência ao prazer estético experimentado com a visão da aniquilação permite apreender a distan-

cia que separa o nacional-socialismo (e nesse trecho a expressão “nazistas” e “nacional-socialistas” tomam o lugar do “niilismo”) do tradicional militarismo alemão. Este, malgrado sua brutalidade e belicosidade, é ainda compatível com os fins civilizatórios e com a *Kultur* (STRAUSS, 1999, p. 369), ao passo que o nazismo retira seu prazer da vulgaridade e da humilhação dos inimigos. Seu prazer estético não é, na verdade, aquele proporcionado pelo belo; muito menos a admiração do “tipo guerreiro” abre espaço para se experimentar o sentimento do sublime: o nazismo substitui, um e outro, o belo e sublime, pelo grotesco.

Strauss parece desenhar na conferência o quadro lamentável em que vemos o niilismo alemão, motivado por princípios originalmente nobres, admirando e enaltecendo a virtude da coragem – a única virtude claramente “anti-utilitária” (STRAUSS, 1999, p. 371) –, se degradar no nacional-socialismo. Esse “filho do militarismo” (STRAUSS, 1999, p. 370), anacronicamente aristocrático, ao invés de proteger a juventude intelectualizada da baixeza que se anunciava sem qualquer ambiguidade no movimento nazista, a impeliu (ao menos, uma parte dessa juventude) a juntar-se a ele. Em seu momento final, a conferência reforça o sentimento de que os niilistas alemães não têm a total responsabilidade por terem tomado a via errada. A própria filosofia alemã, desde o século XVIII, ao menos, constituiu-se de

modo reativo a uma filosofia “moderna”, de origem inglesa, que “rebaixava os valores morais”, que reduzia o *honestum* ao *utile*, que considerava caduco o auto-sacrifício em uma sociedade fundamentada nos “direitos individuais” (STRAUSS, 1999, p. 371).

Com Kant, Fichte, Schelling e Hegel, passando pelo romantismo e chegando até Nietzsche, compõe-se uma tradição que teria rejeitado essas “ideias modernas inglesas” em favor de um ideal “pré-moderno”. Na verdade, os alemães teriam ensaiado uma fracassada “síntese” (STRAUSS, 1999, p. 371), mas não foram realmente capazes de superar o profundo desgosto que sentiam pelas ideias novas. E como o retorno ao ideal pré-moderno é impossível, todos os esforços nessa direção resultaram em uma falsificação do próprio legado clássico. No campo da política, acredita Strauss – sem disso fornecer maiores explicações –, o nacional-socialismo foi o exemplo mais famoso e mais vulgar (STRAUSS, 1999, p. 372). Cabe, portanto, reconhecer que são os ingleses, os propagadores das novas ideias, que melhor souberam conservar o “ideal clássico de humanidade”²⁰. A vantagem dos ingleses, não é difícil adivinhar, se estende também ao campo da política. São eles os novos portadores do universal da humanidade e são eles os únicos capazes de fazer jus à pretensão de um império no século XX. Strauss não detalha em que consiste esse novo império inglês, mas apa-

rentemente lhe basta observar que os alemães não estão à cultura de sua ambição política de exercer uma dominação mundial. Seu provincianismo os impede de construir uma civilização na qual os valores morais da humana sejam minimamente respeitados.

Os nazistas são soberbos e arrogantes. Não sabem fazer como os romanos, que poupavam seus inimigos, deixando aberta a possibilidade de formar com os vencidos de hoje uma possível aliança geradora de um novo futuro. Os nazistas são intolerantes e, como os bárbaros de ontem, não podem aprender nada com o estrangeiro que eles desqualificam de antemão. Compreendemos, assim, o motivo pelo qual os conhecidos versos de Virgílio (*Eneida*, VI, 853) são evocados por Strauss para encerrar sua conferência: *parcere subjectis et debellare superbos* (STRAUSS, 1999, p. 373), poupar os vencidos e esmagar os soberbos. Se ainda cabe falar de pretensões universalistas no campo da política (e Strauss retomará essa discussão alguns anos mais tarde em seu embate com A. Kojève a propósito da viabilidade e conveniência de um Estado Universal), a única via aceitável seria afeita àquela já seguida pelos romanos, de quem os ingleses no momento atual (1941) são os únicos e dignos herdeiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após termos apresentado alguns dos pontos centrais da argumentação de Leo Strauss, caberia retomar a interrogação sobre a relevância dessa conferência para melhor compreendermos a relação entre seu pensamento político e o nacional-socialismo. De nosso ponto de vista, as tentativas de buscar pontos de contato com o nazismo (Altmann) ou de encontrar no texto as pistas de um redirecionamento do autor em favor de uma recepção mais positiva da democracia liberal (Shell, Steiner e Howse) parecem deixar escapar o sentido da análise straussiana do nacional-socialismo.

Esses autores preferem se ater à dimensão “biográfica” da conferência, desinteressando-se pela contribuição que ela poderia trazer às interpretações sobre os acontecimentos políticos dramáticos em torno da Segunda Guerra no momento em que aconteciam. Embora Strauss lance um olhar condescendente sobre os jovens niilistas alemães, geração à qual ele próprio pertenceu, seu texto vai além disso, reconstituindo parte do ambiente intelectual em se tornou possível o surgimento do nazismo. Certamente, muitos outros autores na mesma época realizaram trabalhos mais profundos e de maior envergadura sobre o tema²¹.

E, para sermos justos com Strauss, convém dizer que ele nunca pretendeu levar a cabo um

exame teórico sobre os movimentos extremistas de seu tempo. No entanto, a conferência mostra o quanto a questão política contemporânea marcou sua reflexão futura, o que podemos constatar pelos vários veios conceituais abertos em 1941 e que serão seguidos e aprofundados, resultando – como costuma acontecer – em sua ulterior modificação. Um desses temas é o do próprio niilismo que, como já indicamos, retornará sob forma distinta em textos posteriores e, sobretudo, em *Direito natural e história*. Mas ainda haverá lugar nas análises de Strauss para a distinção entre sociedade aberta e sociedade fechada, presente também em DNH, o mesmo valendo para a discussão sobre o imperialismo e o Estado Universal. A retomada da querela entre antigos e modernos é igualmente aí ensaiada, assim como a crítica ao historicismo²², sem falar na descoberta da escrita exotérica realizada no mesmo período. Mas gostaríamos novamente de esclarecer que adotamos a hipótese interpretativa segundo a qual Strauss tem algo a dizer sobre o fenômeno nazista, para além de sua experiência pessoal. Sobre esse ponto, o confronto com o livro de Rauschning é importante porque permite calibrar com precisão o conceito de niilismo em sua relação com o nazismo. Rauschning – ao menos essa é a opinião de Strauss – não consegue escavar a raiz niilista do nazismo porque não entende de forma ampla em que o niilismo consiste. E, como diz Strauss, para refutar algo é preciso conhecê-lo

completamente (STRAUSS, 1999, p. 357). Por conseguinte, opor-se ao nazismo como movimento político requer a melhor compreensão ao nosso alcance da forma espiritual da qual ele é uma espécie, isto é, o niilismo.

É óbvio que Strauss não alimenta nenhuma ilusão de que esse conhecimento seja necessário para a ação política como tal. Mas ele oferece aos adversários do nazismo o ganho teórico que consiste em conhecer o erro que se encontra em sua base “anti-civilizatória”: sua parcialidade, sua limitação intelectual, suas ilusões teóricas a propósito das quais a filosofia tem alguma responsabilidade, esses elementos são traduzidos na vida política concreta sob a forma de um regime cruel, grotesco e marcado sobretudo pela arrogância e intolerância. E nós quisemos ainda ver na conferência de Strauss o prelúdio de uma crítica da ideologia. Nós sabemos que ele não seguiu essa seara. Ou talvez tenha seguido, em uma direção muito original, na medida em que, em sua concepção, a filosofia moderna quando se quer prática, resvala na ideologia²³. Não teria sido esse o destino de Nietzsche, justamente um dos mestres de sua juventude?

REFERÊNCIAS

ALTMANN, William H. Leo Strauss on “German Nihilism”: Learning the Art of Writing. In: **Journal of the history of ideas**, vol. 68, n. 4 (out. de 2007), pp. 587-612.

COLEN, José A.; MINKOV, Svetozar. **Toward Natural Right and History. Lectures and Essays by Leo Strauss, 1937– 1946**. Chicago: The University of Chicago Press, 2018.

HOWSE, Robert. **Leo Strauss. Man of peace**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

JÜNGER, Ernst. **Nos penhascos de mármore**. Trad. de T. Redondo. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LOUIS, Adrian. **Leo Strauss, philosophe politique**. Paris: CNRS Éditions, 2019.

RAUSCHNING, Hermann. **The revolution of nihilism. Warning to the West**. Nova York: Alliance Book Corporation, 1939.

SHELL, Susan. S. Shell, “To Spare the Vanquished and Crush the Arrogant”: Leo Strauss’s Lecture on ‘German Nihilism. In: S. Smith (ed). **The Cambridge Companion to Leo Strauss**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, pp. 171-92.

STEINER, Stephan. German Nihilism. Leo Strauss's Philosophical Realignment. In: **Maynooth philosophical papers**, vo. 7, 2013, pp. 59-68.

STRAUSS, Leo. **Natural right and history**. Chicago: The University of Chicago Press, 1953.

STRAUSS, Leo. German Nihilism. In: **Interpretation**. Spring 1999, vol. 26, n. 3, pp. 353-78.

STRAUSS, Leo. **On tyranny**. Chicago: The University of Chicago Press, 2013.

NOTAS

¹Para se ter uma ideia de seu sucesso editorial, apenas em seu primeiro ano de publicação foram 16 tiragens.

²“German Nihilism must therefore be situated in relation to Strauss's ‘Persecution and the Art of Writing’. Strauss published that seminal article in September 1941, and, in retrospect, it sheds light on its unpublished counterpart. Although one recent apologia for Strauss denied that Strauss himself practiced exotericism – i.e. hid from the careless reader a secret teaching ‘between the lines’ – while another merely suggested that he did not, ‘German Nihilism’, especially the third section of Part II, provides evidence that he did. ‘German Nihilism’ is in fact a particularly revealing instance of exotericism because Strauss himself – by choosing not to publish it – tacitly admitted that he was still learning ‘the art of writing’. As what Alfons Söllner has called ‘an ultraconservative thinker’, Strauss had compelling grounds for thinking that ‘German Nihilism’ would subject him to ‘persecution’ in a liberal democracy” (ALTMANN, 2007, pp. 588-8).

³“National Socialism under Hitler is doubtless a caricature, an inadequate expression – a one-sided moment, as it were, in the full realization – of that ideal [o ideal niilista de uma nova época]. Patience is therefore required” (ALTMANN, 2007, p. 604).

⁴“No longer a warning, the message has become a clarion call of hope. The contemporary manifestation of what Rauschnig has called ‘the revolution of nihilism’ may well be defeated. But the “nothing” that is the root of nihilism-and Strauss never denies Rauschnig's highly significant thesis that National Socialism is nihilism-this nothing will transform the world. Hitler is doubtless a ‘nothing’ in the vulgar sense. But the nihilist ‘nothing’ at the core of National Socialism is something different: it is ‘a fertile nothing’. Strauss now speaks not only as a nihilist: he speaks as if he were activating a sleeper cell of his fellow nihilists” (ALTMANN, 2007, p. 606).

⁵“Strauss's ‘On German Nihilism’ marks a key moment in his own political transformation from a harsh critic of liberal democracy to its ‘unhesitating’ supporter” (SHELL, 2009, p. 191).

⁶Howse se serve, sem parcimônia, do material disponível (conferências, cursos, seminários inéditos) no site Leo Strauss, sob os cuidados de Nathan Tarcov no Leo Strauss Center da Universidade de Chicago.

⁷Ver o capítulo 2 de seu livro.

⁸Trata-se da citação de curso de Strauss ministrado em 1971.

⁹No mesmo espírito, Howse escreve: “The role of the thinker or intellectual in relationship to radical political projects that may entail violence is reset to that of critical distance or resistance. In brief, the thinker uses their radical insight into the limits of politics not to open the field for the destruction of decent, moderate politics but to deconstruct the illusions and delusions on which all forms of

political extremism ultimately rest” (2014, pp. 16-7).

¹⁰“My purpose is one of practical politics – to show the conditions under which this revolution and its despotic dictatorship can be ended, and my political comments are confined to that practical purpose. I have no intention of compiling material for a historical work, or even of giving a final interpretation of events. My main concern is to point to possible centers of growth of forces which after this catharsis, this tragic upheaval, may be able, let us hope, to restore decency and legality, order and freedom” (RAUSCHNING, 1939, p. XVI).

¹¹“National Socialism is action pure and simple, dynamics *in vacuo*, revolution at a variable tempo, ready to be changed at any moment” (RAUSCHNING, 1939, p. 25).

¹²Nossas intuições são, parece-nos, perfeitamente conforme a essa declaração de Adrian Louis: “Leo Strauss s’est avant tout appliqué à dépeindre la politique occidentale à la seule lumière de son aboutissement nihiliste d’un côté, et de son origine dans les projets moraux et politique des premiers Modernes, des Spinoza, Hobbes ou Machiavel, d’un autre côté. S’il est vrai qu’il détecte bien ‘trois vagues’ entre ce deux extrémités de la modernité, l’image révèle cependant précisément qu’un courant unique est ici venu s’échouer sur le même rivage, ou dans le même abîme. Tout le théâtre des nations et des régimes semble ainsi s’effacer derrière le procès unique de la modernité, qui paraît quant à lui avoir atteint son terme avec le triomphe du relativisme au cœur des sociétés occidentales” (LOUIS, 2019, p. 18).

¹³“In contradistinction to classical tyranny, present-day tyranny has at its disposal ‘technology’ as well as ‘ideologies’; more generally expressed, it presupposes the existence of ‘science’, i.e., of a particular interpretation, or kind, of science” (STRAUSS, 2013, p. 23).

¹⁴Esta expressão, aparentemente, havia sido posta em circulação por Henri Bergson em 1932, em *As duas fontes da moral e da religião*. Karl Popper dela fará uso, em livro contemporâneo à palestra de Strauss, sem remeter a nenhum dos dois autores. E não nos parece que a acepção que ele tem em mente coincida plenamente com a deles. Ademais, Strauss voltará a utilizar a distinção sociedade aberta/fechada em diversos momentos de sua obra, valendo destacar o quarto capítulo de *Direito natural e história* (STRAUSS, 1953, pp. 130-4).

¹⁵E, mais adiante, no mesmo livro, o niilismo irá surgir como uma consequência da “doutrina dos valores” de Weber (STRAUSS, 1953, p. 42), isto é, uma indiferença resultante da incapacidade de se resolver pela razão humana o conflito entre valores divergentes.

¹⁶A respeito, vale a pena cotejar as análises de Strauss com aquelas presentes no décimo capítulo de *The origins of totalitarianism*, de Hannah Arendt, em especial, sua referência à “geração do Front”.

¹⁷E é preciso reconhecer que mesmo na primeira obra em que posiciona-se duramente crítico frente ao nacional-socialismo, *Nos penhascos de mármore*, Jünger parece ainda mesclar o niilismo com a idealização aristocrática/guerreira. Recomendamos a boa edição dessa obra em português (JÜNGER, 2008).

¹⁸O nome ilegível é o de Alfred Bäumler, notório entusiasta do nazismo no meio acadêmico alemão.

¹⁹Talvez por esse motivo ele introduza a figura de Churchill nessa parte da palestra como um possível mestre para os jovens niilistas, na medida em que foi capaz de restituir no mundo moderno o sentimento de grandeza.

²⁰“While the English originated the modern ideal – pre-modern ideal, the classical ideal of humanity, was no where better preserved than in Oxford and

Cambridge” (STRAUSS, 1999, p. 372).

²¹Apenas título de exemplo, Franz Neumann publica seu conhecido *Behemoth* praticamente na mesma época (1942).

²²Para uma visão muito completa do tratamento desses temas no trabalho de Strauss nesse período, é de grande valia a coletânea de textos organizada por José A. Colen e Svetozar Minkov (2018).

²³E, cumpre lembrar novamente, a tirania moderna se diferencia da antiga na medida em que se serve das ideologias (STRAUSS, 2013, p. 23).